

Mais uma exposição do "Prémio de Pintura João Barata", confinando esta com a curva final do século: um que se extingue, outro que se acende. Assim apetecia que a arte nos aparecesse, agora, já, despida das fraquezas de um e renascida nas suas virtudes noutra. Ninguém sabe o que será esse amanhã, tão presente afinal, qual o desgosto do que virá a renegar, qual a surpresa daquilo que anunciará. Claro que um dia ou umas suas noites de calendário, ou uma sua noite ou dia não chegam, pouco contam; já se está no interior do tempo preparando tudo, reorganizando tanto as renúncias, como as desejadas surpresas. O homem, porém, vivo de memórias e de esperanças e elas têm que ver com itinerários e anúncios, isto é: pontos de partida, pontos de chegada, marcos, palpites e adivinhações. Por vício, ou por hábito, pelo menos, quem se encontra, mesmo, mesmo, à beira do futuro tem forçosamente que tentar adivinhá-lo. Não é fácil, nem cómodo viver nessa tangência e menos ainda criar imagens que a sustentem ou, mais difícil, ainda, que dela se separem. É um risco grande, sem dúvida. Mas será tal risco o que obriga, nos períodos difíceis, como este que em que estamos, a ir mais longe, a ganhar finalmente a esperança, ou não.

Nada mais justo do que lembrar tal problemática, face a uma exposição como a presente.

Destinada a jovens artistas, será a juventude destes a encontrar, ou deverá encontrar, as possíveis respostas, futuras respostas para a charneira milenária em que começam agora, certamente na sua maioria, a viver e a trabalhar. Para já vieram muitos e restaram poucos em presença. Razões de qualificação, que as costas largas de um júri costumam, por força da incumbência suportar, mas a relativização das situações já se sabe que existe. Com melhor ou pior critério a procura de um nível impõe-se. E, a partir dele, definem-se as posições, as estratégias estéticas, alcances ideológicos, modos de comunicar, empatias, emoções mesmo, por vezes, vêm ao de cima. Como atrás se disse, não poderíamos esperar que o futuro – tão próximo embora – tivesse aqui a satisfação inesperada da sua descoberta, tanta coisa das linguagens da pintura serão de despir e outras tantas de vestir, só não se sabendo, por enquanto, ainda quais. Porém, num balanço breve, imediato, os caminhos diversos tendem mais para as expressões preocupadas ou simbólicas, algumas mesmo mais inquietas, do que para os jogos alheados ou somente de humor e de evanescência pictural. O que é importante, E é-o porque o momento pressupõe alguma gravidade para o universo do criador, é necessário, é imprescindível reservar, defender a independência, a

liberdade absoluta e incomparável do artista, mas, ao mesmo tempo, guardar um olhar prevenido para um mundo alargado, como nunca esteve, porém paradoxalmente em grave crise de humanismo e sufocado pela violência que desperta.

Nos prémios principais atribuídos, dois de entre eles, o 2º e o 3º, referem alguma dessa intuição atenta: o 2º, Andreia Rebelo – pinta em "camaieu", dois sensibilíssimos retratos, quase só desenho, numa composição um tanto invulgar como um corte de foto ampliado, e numa "touche" rápida, decidida, com certa premência. O quadro possui uma consciência da afirmação da figura, da sua caracterização física e também interior.

Marco Ayres Barreto, 3º prémio, lembra-se, evidentemente (ou parece lembrar-nos) do americano Edward Hopper, o único mestre, na pintura do meio século, da solidão, do desconforto urbano, da tristeza definitiva e sem recurso. Não sendo exactamente assim o quadro que refiro, dividido em dois campos – o dia e noite, talvez – não parece, não obstante a perspectiva ou até por causa dela oferecer qualquer futuro a quem, naquele espaço equívoco, nele se espera ou parte para a estação do tempo.

O 1º prémio, atribuído a Ana Catarina Sérgio, é uma obra que se furta a este relacionamento directo com a figura. Distingue-a, porventura, o manejo de uma alegria no acto de pintar, quando a pintura é preenchida não pelo jogo calculado da relação formal ou dos equilíbrios cromáticos, mas por um verdadeiro telurismo, força interior e poderosos contrastes. E quando a cor se faz desenho e a luz, principalmente a luz, dá peso, substância e realidade à forma acontecida. De outra maneira, é também esta pintura, sem dramaticidade aparente, uma compreensão do mundo, uma preenchida atitude perante a vida.

Outras distinções, nesta exposição, premeiam ainda outras expressões bem distantes entre si. E, porventura, no teor geral, assistimos também, gostosamente, à diversificação das atitudes, à variação temática, porque não mesmo à procura difícil de caminhos, de começos tímidos alguns, é certo, mas que tornam o certame – que o tempo vai cada vez impondo mais – não um mostruário insonso de uniformidades, mas antes um vivo e muito frutuoso confronto de talentos e sensibilidades, dos modos de representar, e não, um teclado vivo de experiências. Como aliás convém à natureza própria desta exposição, e muito particularmente na já aludida curva do tempo, em mudança de rota.

Fernando de Azevedo.